

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

O Cinema e aprendizagem de línguas visuais: CINELIBRAS

Karina Ávila Pereira- UFPEL

Mayara Bataglin Raugust- UFPEL

Resumo:

Neste texto propomos discussões contemporâneas sobre a centralidade da cultura e da linguagem na produção dos campos de ensino da Libras como segunda língua (L2) para ouvintes. Temos o objetivo de apresentar o projeto de ensino CineLibras, cuja intenção é desenvolver uma consciência crítica sobre a surdez e as Línguas de sinais, aos futuros professores das licenciaturas da UFPEL por meio de filmes que tratam sobre essas temáticas. Nesse sentido, são feitas sessões de cinema com encontros quinzenais, nas quais são passados filmes com a temática já especificada e, após há um tempo para debates e problematizações sobre a língua e seus contextos. Esses encontros têm por objetivo oferecer um espaço de discussão para auxiliar os acadêmicos ouvintes, aprendizes da Libras como L2, a perceberem ambientes linguísticos e culturais dessa língua. Muitas vezes, quando estes alunos se formam e vão atuar principalmente no sistema educacional acabam se deparando com alunos surdos. A fim de proporcionar aos acadêmicos que irão assistir aos filmes um contato com a temática das línguas de sinais, da comunidade e da educação de surdos, essa prática objetiva também levantar discussões sobre os temas abordados nos vídeos, oportunizando-se um momento de troca de experiências e consequentemente de produção de um pequeno texto, em que os acadêmicos tem a oportunidade de expressar o quanto foram tocados pela temática abordada. O projeto encontra-se em desenvolvimento, mas pode-se perceber pelas discussões e pelos textos produzidos que os filmes ajudam os futuros professores a refletir sobre muitas questões culturais de línguas visuais, as quais, eles não haviam tido a oportunidade de pensar anteriormente ao CineLibras.

Palavras-chave: Cinema. Ensino de língua visual. Processos de ensino-aprendizagem.

Introdução

O presente artigo parte de algumas indagações que os professores de Libras da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, tem percebido como importantes a respeito das disciplinas de Libras ofertadas aos cursos de graduação. Como professores de uma língua vivamos atravessados por uma enorme lista de conteúdos que devem ser ensinados para os acadêmicos. Frequentemente estes acabam por esquecer os conteúdos e a língua aprendida, principalmente, por não usarem mais essa língua após o término da disciplina. Como muitos dos acadêmicos não têm contato frequente com os surdos, consequentemente, como qualquer língua sem uso, a Libras acaba sendo esquecida. Em consonância, muitos desses acadêmicos quando concluem a graduação poderão atuar em escolas e locais que atualmente já têm incorporado em seu contexto sujeitos surdos, e por não terem praticado a Libras, não conseguem ter mais a mesma fluência para se comunicar com os mesmos.

Levando-se em conta as considerações acima expostas e tendo como objetivo uma mudança da atual realidade acadêmica, o Projeto de Ensino CineLibras surge com o intuito de possibilitar uma alternativa para que os discentes que já cursaram, ou estão cursando a

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

disciplina de Libras possam manter contato com a Língua viso-espacial. Com o intuito de proporcionar essa e outras experiências, o projeto objetiva também levantar discussões sobre os temas abordados nos filmes e documentários, oportunizando-se um momento de trocas entre os participantes e consequentemente de refletir sobre o papel dos futuros professores de alunos surdos e sobre a especificidade linguística que esses sujeitos possuem. É nesse sentido que o projeto tem buscado possibilidades de constituir uma experiência de fato significativa nos participantes, a fim de que os mesmos sejam levados a um interesse cada vez maior pela língua e suas conjecturas.

A Libras, Língua Brasileira de Sinais constitui-se uma língua de modalidade visual-espacial, onde a produção de significados se dá pelo conjunto de movimentos no espaço, movimentos com o tronco, os braços e as mãos e pelas expressões faciais e corporais. Essa língua é legitimada principalmente pela comunidade surda, que com suas lutas e movimentos têm conquistado seus direitos. Um deles foi o reconhecimento da Libras em 2002, através da Lei 10.436, de 24 de abril, como meio legal de comunicação e expressão. Apesar de o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais ser um fato recente, os movimentos surdos pelo mundo possuem uma história longa, datando aproximadamente dos anos vindouros de 1834. Essa data é referenciada à abertura da primeira escola de surdos do mundo, em Paris na França, por Abade de L'Epée. Nessa época, a criação da escola bem como a conversação em língua de sinais não era bem vista pela sociedade, principalmente pelos ouvintes, que lutavam por escolas em que a metodologia utilizada fosse o oralismo¹.

Em razão disso, os surdos aproveitavam os festejos de aniversário de L'Epée para deslocarem-se de diversas regiões a fim de encontrarem-se e reunirem-se enquanto grupo. Mottez (1992) comenta que nasce desse encontro comemorativo, em 1834 o primeiro movimento surdo. A partir da fundação da escola de surdos de Paris e das festividades ao L'Epée, muitos surdos que estavam isolados e reclusos em casa passam a compartilhar suas vidas em comunidade.

Esses feitos começam a constituir grupos surdos os quais passam a conversar e discutir sobre sua união e o poder que juntos eles tinham. Essas reuniões se tornam cada vez mais frequentes até que os surdos passam a formar as primeiras associações de surdos, estas desempenhando ações de lazer, assistência, trabalho, sempre discutindo e lutando por seus

¹Trata-se de um método da educação de surdos que foi consolidado no Congresso de Milão em 1880, o qual definiu o oralismo como método a ser adotado na educação de surdos, respaldado em um conjunto de interesses que legitimaram o ensino da fala em relação à língua de sinais.

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

direitos, que até então eram-lhes negados. Entre 1866 e 1893 surgem associações de surdos por diversas regiões do mundo.

Na década de 1960 a comunidade surda já havia iniciado a criação de associações de surdos em vários estados do Brasil. Na época, a língua de sinais ainda não era totalmente aceita e não era comum que os surdos sinalizassem em lugares públicos. A fim de pôr um fim às práticas oralistas e lutar em defesa dos seus direitos, principalmente o de uso de sua primeira língua, a língua de sinais, vários movimentos surdos ocorreram dos anos 1960 para cá, dentre eles, em 1983 a Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos.

Dos anos 1990 em diante os surdos passam a se organizar mais formalmente com o objetivo de lutarem para que seus direitos de acesso à língua, cultura e educação fossem atendidos em todas as esferas. Em 1999 os surdos da América Latina se reuniram no V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, sendo este momento um marco para a comunidade surda, pois neste congresso foi criado um documento intitulado “A Educação que Nós surdos Queremos”. Este documento se torna um instrumento de força pela reivindicação da legitimação e oficialização de sua língua, como também pelos direitos a uma educação que atendessem às suas características.

Por meio desses movimentos e lutas, em 2002 os surdos tiveram a oficialização de sua língua como “meio legal de comunicação e expressão” (lei 10.436, de 24 de abril) e, posteriormente sua regulamentação através do Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Além desse reconhecimento da Libras como língua pela lei de 2002, o Decreto 5.626 surge com o intuito de regularizá-la. Dessa forma, ele contribui para o apoio à educação de surdos, desde a formação de professores e instrutores de Libras, até a inclusão da disciplina de Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores e licenciaturas.

Essa legitimação da Libras se dá por meio dos diversos discursos, entre eles, o discurso cultural, o linguístico, o político, o legal, etc., que operam nos diversos contextos sociais. O discurso é entendido neste artigo, por meio dos Estudos Culturais,² como um conjunto de enunciados constituídos através da linguagem. Esta constrói significados, verdades e produz por meio dos discursos, a realidade. Como afirma Fischer,

²Os Estudos Culturais podem ser entendidos como um campo não homogêneo que analisa as produções culturais de determinadas culturas, assim como suas práticas (PINHEIRO, 2012).

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

...os discursos são históricos, não só porque se constroem num certo tempo e lugar, mas porque têm uma positividade concreta, investem-se em práticas, em instituições, em um número infindável de técnicas e procedimentos que, em última análise, agem nos grupos sociais, nos indivíduos, sobretudo nos corpos. (2007, p.55).

Os discursos produzem, constituem sujeitos e verdades através dos seus diversos enunciados, os quais não funcionam sozinhos, isolados, mas estão a todo o momento buscando outros aliados. Desse modo, podemos perceber que os discurso produzido pela comunidade surda, o discurso produzido pelas Leis relacionadas ao ensino da Libras, e pela comunidade acadêmica constituem-se como verdades para as Instituições de Ensino Superior e, principalmente, para os cursos de licenciatura.

Podemos perceber que as práticas de ensino da Libras, os planos de ensino ou as ementas, as legislações, são produtos de uma prática discursiva que as constitui enquanto as nomeia, produzindo abordagens diversas para esse fim. Uma dessas abordagens tem sido o projeto CineLibras, que busca através de filmes que tratam da temática da surdez e da Língua de Sinais, um aprofundamento teórico para os futuros professores.

O Decreto 5.626 fala da obrigatoriedade da disciplina de Libras, mas não prevê em sua Lei, a forma como ela deve ser ensinada, possibilitando às Instituições de Ensino uma flexibilidade no momento de estruturação da disciplina. Como a disciplina de Libras é ofertada, na maioria das vezes, como disciplina básica muitos alunos se matriculam, participam da disciplina, mas após seu término não conseguem exercitar a língua. Da mesma forma, a disciplina de Libras é constituída por conteúdos teóricos e práticos e, na maioria das vezes há um excesso de conteúdo a ser ensinado. Em decorrência da volumosa quantidade de conteúdos e da pouca carga horária, principalmente os conteúdos teóricos são ensinados superficialmente, focando-se no ensino da língua. O que ocorre é a falta de conhecimento teórico dos acadêmicos em relação à Libras e demais assuntos que a englobam e consequentemente, o despreparo do futuro acadêmico licenciado no momento de receber um aluno surdo no espaço escolar.

Em resposta às questões apresentadas neste texto, passamos a indagar algumas questões, as quais potencializaram o desenvolvimento deste projeto. Dentre elas: os alunos conseguem aprender de fato a língua em apenas um semestre? Após a disciplina de Libras,

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

caso algum aluno queira se aprofundar nesta, como conseguirá se os cursos de Libras oferecidos pela comunidade são, muitas vezes, raros? Com que base teórico-metodológicas os futuros licenciados atuarão no espaço escolar, se na disciplina de Libras nem sempre é possível abordá-los plenamente?

Essas e outras questões foram fundamentais para a elaboração desse projeto que tem como objetivo problematizar o ensino de Libras para os alunos de graduação das Instituições de Ensino Superior, mas, além disso, possibilitar novas experiências com a Libras, com o contexto da surdez e despertar nos alunos interesse em se envolver cada vez mais com essa temática. Para isso, surge o projeto CineLibras, que é um projeto com sessões de filmes que tratam da temática da surdez e da língua de sinais, e que principalmente busca desenvolver com os alunos um aprofundamento teórico e uma consciência cada vez maior em relação ao ensino de Libras, e à educação de surdos.

O Dispositivo e a Cultura surda na perspectiva do CineLibras

Os surdos são entendidos como um grupo organizado cultural e linguisticamente; um grupo que possui suas próprias experiências de ser surdo e que constrói assim suas identidades; se constitui enquanto comunidade, com cultura, identidade e línguas próprias. Trata-se de um grupo que percebe o mundo à sua volta e se relaciona com ele por meio de experiências visuais e de uma língua de modalidade visuo-espacial, a Língua de Sinais. Ela está imbricada na cultura surda e é considerada pela comunidade surda um marco da diferença, da representação desse grupo.

Ao conceituar a Língua de Sinais observamos que, assim como outras línguas ela está inserida numa cultura, a cultura surda. Mas, o que seria essa cultura surda? A intenção de conceituar o que seria cultura surda aqui tem como principal intenção não criar essencialismos ou fixidez para tal termo, pois o que temos visto, como afirma Gomes (2011, p. 26) é que a cultura surda “constitui-se em uma recorrência discursiva em diferentes espaços e vem sendo tão frequente que este tema tem sido naturalizado ao invés de problematizado, a ponto de em alguns momentos, engessar-se e produzir uma escrita fixa sobre o sujeito”.

Nos últimos anos, alguns surdos têm se movimentado e lutado pelo reconhecimento de uma cultura surda, afirmando que esta é fator fundamental para sua constituição como

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

sujeitos. Mas, buscando um constante deslocamento em relação a um conceito fixo de cultura surda é possível pensá-la como estando imbricada nas relações de poder/saber não havendo uma essência da cultura surda em oposição a essência de outras culturas. O que ocorre são relações de força, borramento de fronteiras, ou seja, há algo que é se constitui na cultura surda assim como há algo que é e se constitui nas demais culturas. Mais que isso, há algo que é produzido nessas relações entre culturas diferentes e que é sempre conflituoso, pois se constitui num campo de forças onde alguns significados estão lutando para imporem-se.

O termo cultura surda emerge como força discursiva nos mais diferentes lugares, e os discursos sobre ela se constituem por meio do saber dos sujeitos surdos, saberes estes produzidos pelos próprios surdos. Esses saberes são constituídos e legitimados, tomando um status de verdade no cotidiano dos sujeitos. Assim, há vários discursos a respeito da cultura surda. Esses discursos constituem-se como saberes, os quais são postos em movimento cotidianamente, sendo constantemente renegociados. Ela é constituída nos “processos de significação, e não são os sujeitos surdos que carregam a cultura surda, são os discursos que produzem tais representações, ou seja, existem tantas realidades quantas nosso discurso pode inventar” (PINHEIRO, 2012, p. 61).

Os saberes constituídos sobre a cultura surda promovem a subjetivação de muitos surdos por meio dos discursos produzidos e legitimados sobre essa cultura, moldando as formas de constituir o sujeito. Os modos de vida dos sujeitos surdos de diferentes localidades são diferentes, pois decorrem dos entrecruzamentos culturais. Com isso, não há intenção aqui de criar uma percepção superficial de cultura, mas problematizá-la no cenário atual, no qual as verdades e sentidos que a constituem estão se deslocando para uma nova configuração a fim de legitimar-se.

O intuito de trazer a problemática do conceito de cultura surda é poder agregar outros conceitos pertinentes que estão a todo o momento em movimento no projeto, juntamente ao de cultura surda. Não há como estancar um conceito único para cultura surda aqui, pois no decorrer das sessões de filmes, vamos percebendo os diferentes conceitos que a cultura surda vem constituindo e legitimando há bastante tempo pela comunidade surda, de diferentes maneiras e em diferentes lugares, e se apropriando de determinadas práticas, entendidas como práticas culturais surdas. Essas práticas são constituídas nas relações de poder/saber, instituindo novas formas de técnicas, de estratégias de negociação e de controle da cultura

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

surda.

Entre essas técnicas e estratégias de negociação da cultura surda, o projeto destaca o dispositivo pedagógico do cinema. O termo *dispositivo* aqui é proposto a partir da concepção foucaultiana³. O conceito de dispositivo é constituído por Foucault como:

Uma rede tecida por um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, formas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas; a natureza da relação que pode existir entre esse conjunto de elementos heterogêneos; o tipo de formação resultante da relação entre esses elementos, em um determinado momento histórico (1999, p. 20).

Foucault explicita que o dispositivo é uma relação entre o enunciável e o visível, entre as palavras e as coisas, entre as formas discursivas e não discursivas. Ele se estabelece como um conjunto de práticas e ferramentas, estratégias linguísticas, não linguísticas, jurídicas e técnicas que se relacionam ao mesmo tempo com o objetivo de produzir efeito sobre algo/alguém. Ele se configura como uma "máquina que governa" por meio de suas práticas e ferramentas, possuindo em si uma relação de forças, uma produção de saberes, estando saber e poder relacionados. O dispositivo está sempre nessas relações de poder e nos inscritos do saber.

Nesse projeto, entendemos o cinema como um dispositivo, pois ao produzir formas de subjetivação no sujeito que está ali assistindo ao filme, pode fazer esse sujeito voltar-se para si e a si próprio subjetivar-se. Esses modos de subjetivação operam na dimensão da subjetividade do sujeito e criam novos modos, novos jeitos de constituir-se sujeito e de constituir a surdez e a Libras na contemporaneidade, por meio do dispositivo do cinema. Através do dispositivo do cinema há uma relação estabelecida entre os filmes e os espectadores e, pode haver aí exercícios e práticas de elaboração do que os espectadores entendem por e nas imagens e mais, a partir dessas imagens, uma elaboração de si mesmos.

Voltando à questão do dispositivo, uma de suas características é "*responder a uma urgência*" (FOUCAULT, 1979, p. 138) em um determinado momento histórico. O

³Foucault diz que, em primeiro lugar, o dispositivo é um "*conjunto decididamente heterogêneo*", englobando vários elementos discursivos e não-discursivos; em segundo lugar, o dispositivo estabelece entre os elementos que o constituem "*um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções*", estando o dispositivo apoiado a outros dispositivos; e, em terceiro lugar, ele é "*como um tipo de formação que em um determinado momentos histórico teve como função principal responder a uma urgência*" (FOUCAULT, 1979, p.138).

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

dispositivo cinema tem nesse projeto o intuito de responder questões aos participantes sobre a surdez e a Libras, assim como o desenvolvimento de suas potencialidades linguísticas para o aprendizado e aprofundamento dessa língua. O dispositivo cinema emerge nesse contexto como uma função estratégica dominante a fim de estabelecer outra relação entre os sujeitos participantes e a área da educação de surdos.

Contribuições para os futuros professores

O projeto iniciou no segundo semestre de 2016 e teve por objetivo a exibição de filmes que apresentem sujeitos surdos e o cotidiano de suas vidas, oportunizar momentos de discussão e troca de experiências entre alunos e entre estes e os professores, assim como um aprofundamento teórico sobre diversos temas da atualidade no contexto da educação de surdos. Nesse sentido, o projeto desenvolveu-se com encontros quinzenais, presenciais, em que os alunos assistiram aos filmes sobre a temática da surdez, e após, discutiram e problematizaram a respeito dos temas empreendidos no filme em questão. Os encontros tiveram duração de aproximadamente três horas, ou seja, em torno de duas horas para assistirmos o filme e mais uma hora de debate e discussões sobre os temas abordados no mesmo, mais o tempo para a escrita dos alunos sobre suas impressões a respeito do filme assistido.

O projeto se desenvolveu em quatro encontros, e em cada um deles, um filme ou documentário foi apresentado. O primeiro filme escolhido para o encontro é o filme "The Hammer", que retrata a trajetória de um menino que nasceu surdo e que superou vários preconceitos e dificuldades por meio da luta greco-romana até se tornar um lutador de UFC⁴. No filme são abordados assuntos como: preconceito da família e amigos por não conhecerem a cultura e comunidade surda; a luta até hoje vista pelas famílias que desconhecem a Língua de Sinais, em optar que seu filho oralize, buscando uma normalização do sujeito, para que ele se pareça o mais próximo possível com o ouvinte; a experiência visual, marcador cultural surdo que está presente no cotidiano da comunidade surda.

O segundo filme do projeto foi o documentário "Sou Surda e Não Sabia" que conta a história de Sandrine, uma moça que por vários anos não sabia que era surda. Surda de

⁴UFC é a sigla de Ultimate Fighting Championship, uma organização americana de artes marciais mistas. As lutas deste campeonato envolvem uma mistura de estilos, como o Jiu Jitsu, Boxe, Wrestling, MuayThay, etc.

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

nascença, ela é filha de pais ouvintes, e por anos frequentou a escola regular sem entender o que a professora ensinava. Um de seus maiores questionamentos era como as demais crianças compreendiam o que a professora transmitia e ela não; para que as pessoas mexem a boca; o que significa, qual é o sentido do som.

O terceiro filme foi "A Família Bélier", uma comédia e drama que conta a história de uma família em que pai, mãe e irmão são surdos, e Paula, a filha que é ouvinte. No filme Paula desde pequena é a porta-voz da família Bélier, ou seja, ela interpreta para seus pais os discursos em diferentes lugares como a feira em que vendem seus queijos, as consultas ao ginecologista para sua mãe, a campanha para prefeito, etc. Na escola em que frequenta, ela descobre que possui um dom para o canto e é convidada a ir para Paris, a fim de participar de uma seleção para uma das melhores escolas de canto do país. Isso gera dilemas entre a menina e sua família.

No último encontro do projeto foi trazido o filme "Black" o qual conta a história de uma menina surdocega, Michelle, que não consegue se comunicar com sua família e, tampouco se expressar. Seus pais, desesperados por não conseguirem estabelecer nenhuma comunicação com ela, e duvidosos quanto aos comportamentos de sua filha, ficam indecisos se a levam para um manicômio ou contratam um professor (Debraj) de surdocegos para ensiná-la. Ao optarem pelo professor deparam-se com seus métodos de ensino pouco convencionais, mas que levam Michelle a um aprendizado a longo prazo. Com o tempo, Michelle passa a compreender o mundo a sua volta por meio tátil, se alfabetiza, termina seus estudos e consegue, por meio de seu tutor Debraj uma vaga na Universidade. No entanto, seu tutor, que a acompanhou durante toda a vida desenvolve a doença de Alzheimer e começa a esquecer-se de tudo. Apesar disso, Michelle consegue se formar e em seu discurso final dá uma lição de perseverança.

Durante os quatro encontros, pudemos trabalhar com vários assuntos, vários contextos e temas que são tão atuais, e que ainda geram desconforto, preconceito e certo desconhecimento por parte de quem não convive com a surdez de perto. Nesse sentido, em cada sessão abriu-se a oportunidade de novos conhecimentos não só teóricos, mas práticos também, a fim de que os participantes pudessem ser levados a pensar, a questionar, a experienciar o filme e as questões trazidas no mesmo, de modo que ao final de cada encontro, nunca saiam os mesmos.

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

A experiência aqui é entendida como nos mostra Foucault, como uma *"correlação [...] entre campos de saber, tipos de normalidade e formas de subjetivação"* (2006, p. 193). Ou seja, a noção de experiência aqui é entendida como o sair de si e mover-se em direção ao outro, experimentar outro e, nessa experiência não há como sermos outros, ou sermos assujeitados sem que estejamos disponíveis para o sermos. Nessas experiências, o sujeito tem a possibilidades de um novo encontro com ele mesmo, de uma forma diferentemente outra. Essa transformação é possível através das viagens que o filme nos oferece. Nessa viagem é possível uma suspensão e uma projeção do sujeito em relação à outra coisa que faz com que ele possa transformar-se.

Conclusões

O presente artigo apresentou um projeto de ensino que caracterizou-se por possibilidades de discussões, sem encontrar uma verdade ou fórmula absoluta de conduzir as sessões e as discussões a respeito dos filmes. Assim, as balizas metodológicas desse projeto se deram sob o enfoque de possibilidades e descobertas ao longo dos encontros. O projeto se baseou-se nas palavras de Costa (2007, p. 14) para descrever como tentamos desenvolver o projeto:

Estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vêm nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária de mundo e de vida.

A intenção do projeto em nenhum momento também foi investir em discussões binárias entre os modos de ser sujeito surdo no contexto atual, as melhores possibilidades de ensino para esses sujeitos, as formas de aquisição linguística e cultural desse grupo. O que esteve em jogo a todo o momento no projeto foi a tentativa de conduzir os participantes a pensar a alteridade, ou seja, o outro que é surdo.

A alteridade nesse sentido é a qualidade, a característica do que é do outro, ou seja, o que é diferente, distinto no outro. Segundo Skliar (1999, p. 18) a alteridade “resulta de uma produção histórica e linguística, da invenção desses Outros que não somos, em aparência, nós mesmos”. A alteridade, a partir desses novos delineamentos constitui e é constituída por

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

discursos que lhe dão novos significados e perspectivas. Num mundo onde tudo acontece tão rápido e tão naturalmente, as identidades são criadas e fragmentadas sem nem percebermos ou termos tempo de aceitar ou não essa fragmentação. Na perspectiva de alteridade focada no surdo, Skliar (1999) diz que

a alteridade surda pode ser melhor compreendida a partir da ruptura de significados referidos à deficiência auditiva e suas ramificações e rarificações discursivas. Ao compreender os surdos como sujeitos visuais, nenhuma das narrativas habituais sobre os surdos permanece encerrada na tradição dos ouvidos incompletos e limitados (p. 24).

Trazer essas nuances, esse olhar em relação ao surdo, à alteridade surda foi a tentativa de proposta durante os desenvolvimento do projeto. Potencializar diferentes formas de pensar as relações do surdo com a sociedade ouvinte, de desmistificar conceitos e verdades absolutas constituídas pelo senso comum, e colocar-se no lugar do outro, na busca de tentar tornar acessível, tanto para ouvintes quanto para surdos, a comunicação.

Finalizamos o projeto com a primeira turma, mas temos a intenção de continuarmos com as sessões oportunizando aos demais discentes a experiência com esses encontros. Pudemos perceber, através das discussões feitas após a exibição dos filmes que os alunos conseguiram refletir sobre os deslocamentos conceituais e as diversas formas possíveis de compreender a cultura surda e a língua de sinais. Esperamos que o projeto tenha colaborado na formação de futuros professores, através das discussões sobre alguns temas relativos à surdez, como a importância da língua de sinais para o seu desenvolvimento e apreensão de mundo; as diferenças existentes para ensinar alunos ouvintes e alunos surdos; a não inserção somente do aluno surdos no ambiente escolar, mas sua efetiva inclusão por meio da aprendizagem da Libras como primeira língua além de outras estratégias para que se garanta essa inclusão.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10436**, de 24 de Abril de 2002: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em: 18 Ago. 2016.

BRASIL. **Decreto nº. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República – Casa Civil, 2005. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA JUSTIÇA, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO JURÍDICA

Acesso em: [18 fev. 2014](#).

COSTA, M. V. Novos Olhares na Pesquisa em Educação. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, p. 13-22.

FISCHER, R. M. B. A Paixão de Trabalhar com FOUCAULT. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos Investigativos I: Novos olhares nas pesquisas em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, p. 39-60.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979/1999.

_____. O Cuidado com a Verdade. In: FOUCAULT, M. (Org) **Ditos e Escritos. Ética, Sexualidade, Política**. (Vol. V), Rio de Janeiro, 2. ed. Forense Universitária, 2006, p. 240-251.

GOMES, A. P. G. **O Imperativo da Cultura Surda no Plano Conceitual: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos**. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria/UFSM - 2011.

MOTTEZ, Bernard. Los Banquetes de Sordosmudos y el Nacimiento del Movimiento Sordo. In: **Revista do GELES**. Rio de Janeiro, n. 6, 1992, p. 5 – 19.

PINHEIRO, D. **You Tube como Pedagogia Cultural: espaços de produção, circulação e consumo da cultura surda**. Santa Maria, 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

SKLIAR, Carlos. A Invenção e a Exclusão da Alteridade Deficiente a partir dos Significados da Normalidade. In: **Revista e Educação**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, jul/dez, 1999, p. 15 – 32.

